

RESUMO

Esta revisão de escopo teve como objetivo mapear as articulações entre a Fenomenologia e o uso terapêutico de psicofármacos na literatura científica e filosófica. A investigação justifica-se pela crescente evidência de que os parâmetros da pesquisa clínica tradicional, baseados em métricas quantitativas e escalas de sintomas, falham em captar a experiência vivida e os resultados desejados pelos pacientes. Além disso, a fragilidade conceitual dos sistemas diagnósticos contemporâneos e a prevalência de prescrições *off-label* indicam que a prática clínica já opera, em grande medida, para além do modelo diagnóstico-operacional estrito. O estudo adotou a metodologia do Joanna Briggs Institute (JBI) e o *checklist* PRISMA-ScR, incluindo fontes que utilizam a Fenomenologia como referencial teórico para discutir fármacos como antidepressivos, antipsicóticos e estabilizadores de humor. A busca foi realizada em seis bases de dados (incluindo PubMed e Embase) e literatura cinzenta, na qual foram identificados 7.857 artigos nas bases e 1.000 no Google Scholar; após triagem, 46 foram selecionados, resultando em 32 após duplicatas e 18 incluídos; seguida de busca adicional (16 autores; 6 respostas), que gerou 1.027 referências, com 4 artigos incluídos após leitura completa. Assim, a revisão final contou com 22 artigos. Os resultados revelam que a Fenomenologia permite compreender os psicofármacos como modificadores das estruturas da existência — como a temporalidade, a espacialidade e corporeidade. Conclui-se que a abordagem fenomenológica oferece uma base epistemológica para a personalização do tratamento, permitindo uma prática centrada na pessoa que integra o rigor científico à singularidade subjetiva e aos valores do paciente, superando a dicotomia entre o biológico e o humano na saúde mental.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicofármaco/uso terapêutico; Psicofarmacologia; Experiência de vida; Saúde mental